

UC Berkeley

Lucero

Title

Pepetela

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/54f1f04g>

Journal

Lucero, 15(1)

ISSN

1098-2892

Author

Adão, Deolinda

Publication Date

2004

Copyright Information

Copyright 2004 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Entrevista de Pepetela

Por Deolinda Adão

DA - Pode falar-nos um pouco do seu percurso literário? Começou por escrever romances, contos, poesia? Em que género literário prefere exprimir-se?

PEPETELA - Eu posso dizer que foi prosa.. Realmente poder-se-á chamar contos, aí eu hesito um bocado, nem seriam contos, comecei a escrever histórias na escola, pequeninas histórias porque naquela altura faziam-se as chamadas redacções na escola, na escola primária. Era sempre muito aborrecido porque era sempre igual. O cão, porque é o melhor amigo do homem, ou o boi, porque é um animal útil. Então eram essas redacções sempre iguais, e a um momento dado, eu achei que podia, talvez, contar uma historia que mostrava que o cão, o boi, o gato, que contava que eram animais úteis, uma historia em vez da mesma coisa sempre igual que o boi da leite, depois dá carne, e dos chifres o osso, não sei que tal. Então escrevi uma história, a primeira vez, pensando que a professoro me ia bater, como era normal acontecer com a palmatória. Pelo contrário, a professora achou muito bem, gostou muito da história, leu para a classe e disse – isso é que eu gostaria que vocês fizessem nas redacções. Eu disse, pronto, estou feito, já sei, então a partir daí passei a escreves histórias sempre. Isto por um lado ouve este aspecto na escola, por outro lado eu tinha um amigo, vivia lá na casa do meu pai, era um pouco mais velho que eu, era quatro anos mais velho, eu teria 8 ou 9 anos e ele 11 ou 12, e vinha duma região do Sul de Angola, que é uma confluência de três povos diferentes, dois dos quais pastores e o outro agricultor, que se chamava Thor, um nome estranho, para Angola, porque Thor é o nome de um Deus Dinamarquês, Sueco, quer dizer Nórdico. Era o nome dum dos deuses Vicking – Tore. Provavelmente, porque bem, a terra dele era no Sul, talvez houvesse aí alguma influência do sudoeste africano, Maníbia, e dos Alemães, Holandeses e outros nórdicos que colonizaram essa parte de África, pode ser que seja por aí, eu não sei. Mas então o Thor contava muitas histórias sempre sobre a terra dele e nós íamos para uma árvore que estava em frente da nossa casa, uma acácia que era enorme e ele contava as histórias, e eu não tinha histórias para contar, então eu tinha que retribuir, e comecei a ler-lhe as historias que eu escrevia na escola. Então havia assim uma espécie, ele contava as histórias do seu povo, das guerras que haviam, razias do Sul contra o Centro, etc. quer dizer, uma série de dramas, de facto que aconteciam, e eu lia-lhe aquelas histórias, que eu não sabia contar, mas sabia escrever, eu acho que foi aí que eu nasci como escritor, realmente na prosa, nunca na poesia.

DA – Isso quer dizer que, parece que houve um intercâmbio entre a tradição oral e a escrita desde o primeiro momento.

PEPETELA – Desde o primeiro momento.

DA – Porque em vários dos seus textos sente-se muito a tradição oral.

PEPETELA – Sim, eu acho que sim, foi a influência do Tore por um lado, que, eu aliás pus na *Gloriosa Família* a morrer, porque para mim ele morreu, porque nunca mais o vi, certamente já está morto a esta hora. Portanto para mim tinha morrido, após que sai da infância. Então, quando escrevi a *Gloriosa Família* era preciso a figura dum escravo que morresse, no fundo por amor, aí eu pus o nome do Tore, de propósito, mesmo para fechar a história. Também tem isso, tem esse lado, que no fundo está muito ligado também à tradição oral, por um lado pelo Tore, e por outro lado a família da minha mãe, a maneira de contar as coisas, tem muito a ver com uma tradição oral, e lá em casa, as velhas, bem eu achava que eram velhas, talvez nem fossem tanto, que contavam sempre as histórias, etc., que dizer, portanto moldaram-me desde pequeno para essa maneira de contar. Mais tarde, já é consciente, a partir duma certa altura, eu compreendi o que isso queria dizer e começou a ser consciente nessa procura duma certa ligação com a literatura oral e a tradição, etc. mas no princípio foi espontânea, vinha da cultura.

DA – Falou de História, essa era uma das coisas que estava interessada em perguntar-lhe Diz-se que no momento de construção de nação é muito importante a construção de uma História. O que é que pensa sobre o papel da literatura nessa construção de identidade, nessa construção de nação, nessa construção de História?

PEPETELA – É, eu acho que a literatura substitui a História, História com “H” grande, a um momento dado. Por exemplo no momento da fundação. Essa foi a minha preocupação, e aí digamos, consciente. Eu também li o romantismo, que na Europa tem muito a ver com o nascimento das nações, e o romantismo até privilegia o chamado Romance Histórico, e portanto na transposição para Angola, que nós fizemos, não sou eu só, mas a minha geração, eu acho que isto foi uma questão consciente, absolutamente consciente, de trabalhar a História, e também quando se trabalha a tradição oral, que é a outra maneira de fazer História, e ideológico, é para ajudar a formação da nação. Isso sem duvida alguma, para nós, isso foi sempre claro desde o princípio. E a literatura continuou sempre assim.

DA – O seu texto *A Parábola do Cágado Velho* é um texto muito oral. Como é que ele cabe dentro dessa tradição, dentro desse projecto de construção de nação?

PEPETELA – Como ele cabe não sei, também nem tinha que saber, mas quando eu escrevi esse livro, Angola vivia esse drama terrível duma guerra civil que nunca mais acabava, e eu precisa de fazer alguma coisa para ajudar a resolver o problema, e a única coisa que eu podia fazer era actuar através da literatura. Esse livro, alias, aparece assim como uma espécie de feitiço, que eu fiz, eu tenho sempre dito isso, era um feitiço para acabar com a guerra. O único feitiço que eu podia fazer, que era escrever. Evidentemente, eu procuro ver a guerra pelo lado que eu não conhecia. Eu conhecia a guerra sempre pelo lado daqueles que a fizeram. Eu era um guerreiro, portanto via à guerra como guerreiro, os que participavam nela, os que podiam ter alguma influência nela. E eu quis escrever um livro que fosse do lado dos camponeses que sofrem a guerra e não tem a mínima influência sobre ela, só tem as consequências dessa guerra. E só nessa altura é que eu já estava preparado para escrever esse livro, porque foi só depois da guerra de Luanda de 1992, em que pela primeira vez na minha vida eu sofri a guerra, sem a fazer, eu estava como civil, cidadão, numa casa fechado, mais ou menos fechado, não podia sair à rua, e ainda por cima, com abus a explodirem muito perto, sem poder interferir, as pessoas para quem eu telefonava, pouco sabiam sobre o que é que se estava a passar, só lá mais pró fim é que eu consegui contactar pessoas com alguma informação. Mas então, aí é que eu senti a guerra, portanto, quando aquilo acontece, pode acontecer de repente, um abus explodir em cima da casa de uma pessoa, ou um tiro, aliás entraram vários tiros pelas janelas, e apanhar uma pessoa, e a pessoa nem sabe se aquele tiro está a vir do amigo, se foi do adversário. Então só depois desta experiência é que eu fui capaz digamos, de escrever esse livro. Era um livro que já estava programado, tentei várias vezes, aliás, uma boa parte do livro já estava feita antes, e eu acabava sempre, quer dizer, desistia sempre do livro, porque faltava qualquer coisa, faltava essa experiência. Portanto, aí eu não sei, se tem a ver com a História, ou a tradição oral, talvez com a História muito próxima, e talvez como o livro se refere fundamentalmente aos camponeses, e a sua forma de se exprimir é a tradição oral, talvez por aí haja essa ligação, mas realmente, aí não foi consciente. O que foi consciente foi que eu sabia que tinha que fazer um feitiço e só podia fazer esse feitiço escrevendo.

DA – Há vários elementos que são muito simbólicos como a nascente, o cágado.

PEPETELA – O cágado que é tradição Africana da sabedoria.

DA – Exactamente. Portanto...

PEPETELA – Tá bem. Aí sim. Aí, não é que seja, quer dizer o cágado tinha que ser.

DA - Ou será que estamos a falar da História recente, com reminiscências de Histórias antigas?

PEPETELA – É, porque as coisas confundem-se, a História recente, muitas vezes está quase que a repetir a História antiga. Acho que o ser Humano, nunca aprendeu muito com a História antiga, continua a fazer as mesmas asneiras que fazia antes. Acho que é uma sina da humanidade esta repetição, daí que não seria muito fácil destrinçar a História recente e a História antiga. Agora, quando uma pessoa está a escrever, bom, depois de acabar de escrever é que se começa a teorizar e tal. E começa a tentar explicar porque é que eu fiz isto, porque é que eu fiz aquilo. E muitas vezes, porque as pessoas também perguntam, ou seja os jornalistas ou críticos, ou apenas leitores, perguntam, mas porque é que fizeste aquilo, ou porque é escreveu assim, e aí uma pessoa tem que encontrar uma resposta e começa a pensar naquilo que escreveu. Quando se está a escrever..., em princípio devia de ser assim, uma pessoa devia de estar livre, escrever à vontade e não estar minimamente preocupado com isso, com essas questões. Também é um bocado difícil às vezes, dizer sobre um livro o que é que foi pensado e o que é que não foi. E a Parábola, foi muito pouco pensada, foi, é qualquer coisa que saiu de dentro, nitidamente, ia saindo e depois era bloqueado, demorou seis anos ou sete a escrever por causa disso, escrevi outros livros no meio, porque era bloqueado, porque era qualquer coisa, e às tantas eu disse, não era essa experiência que me faltava. É uma explicação.

DA – Não se nota que houve essas paragens, o livro fluiu bastante bem.

PEPETELA – Sim. Digamos a última versão foi para colar os retalhos, foi muito trabalhado, esse livro foi muito trabalhado. Talvez dos mais trabalhados que eu escrevi, apesar de ser pequeno, porque tinha uma missão especial.

DA – E funcionou?

PEPETELA – Acabou por funcionar. A um momento dado eu deixei de acreditar que o livro, acho que saiu em 1996, em 1998 eu comecei a duvidar, dizia: parece que o meu feitiço não está a funcionar. Em 2000 também, eu dizia: o feitiço falhou completamente. Mas em 2001 funcionou. Também, os feitiços podem não funcionar imediatamente.

DA – Quer dizer que não tinha posto um dispositivo de tempo?

PEPETELA – Não nunca há, nunca há isso.

DA – Bom, nós estávamos a falar sobre a construção de nação, e sobre a responsabilidade, da importância da literatura nesse projecto. Dos seus romances, pensando agora, em retrospectiva, quais são os que diria que

vão directamente a esse ponto, ou que em geral, podemos referi-los dentro dessa subcategoria, se podemos dizer isso.

PEPETELA – Posso dizer que logo assim dos primeiros há o *Mayombe*. *As aventuras de Ngunga* também, dirigido a um público mais jovem, mas tinha também essa preocupação. Depois os mais recentes, em vertentes opostas, quase, sei lá um *Yaka* dum lado, um *Lueji* do outro, *A Parábola do Cágado Velho*, *a Geração da Utopia*, *A Gloriosa Família*, até certo ponto, tocando em aspectos completamente diferentes, geograficamente até em pontos diferentes, em fases da História completamente diferentes, mas no fundo há sempre essa preocupação, porque é que, qual foi a contribuição que determinado período, determinada situação deu para essa personalização da identidade Angolana. Penso que serão esses os livros que tocaram mais directamente nessa questão. Dum modo geral, no fundo todos os meus livros têm sempre essa coisa, por exemplo, um livro que aparentemente, não tem nada a ver, *O Cão e os Caluandas*, mas até na diversidade de pessoas e tipos sociais e étnicos que aparece no *Cão e os Caluandas*, certamente que essa diversidade está ligada com a minha preocupação da constituição de nação.

DA – Construção da nação como uma entidade de ...

PEPETELA – De coisas diferentes, contribuições diferentes, culturais, populacionais, até políticas, diferentes, e que se harmonizem, que se harmonizem nisso, que é esse país novo.

DA – Portanto estamos a falar dum projecto de construção de nação, duma construção duma identidade nacional, não através de um ou dois romances, mas de toda uma obra literária, dum conjunto.

PEPETELA – Eu penso que a preocupação principal, a minha, tem sido sempre essa. De modo que isso acaba por se reflectir na minha literatura.

DA – Agora, uma coisa que eu também gostava de saber era, se pensamos na sua obra literária, na dos escritores da sua geração e da geração anterior à sua, e até a que se segue, como é que nós podemos pensar a sua obra, como é que ela se encaixa, como é que ela se insere dentro do panorama literário Angolano?

PEPETELA – Normalmente, os, talvez a palavra historiadores seja forte demais, mas enfim, os historiadores da literatura Angolana, aquelas pessoas que tentam...

DA – Os cronistas???

PEPETELA – É os cronistas, exacto, que tentam dividir a literatura Angolana em épocas, escolas, gerações, fundamentalmente escolas não, mas gerações, colo-

cam-me na geração, que eles chamam do nacionalismo, da luta já nacional, uns chamam literatura de guerrilha, outros a geração dos anos 1960. Por aí, portanto, é mais ou menos nessa altura que começa a luta armada, a luta de libertação, e depois que prossegue. Eu compreendo essa necessidade de colocar as coisas em gavetas, é preciso umas gavetas e vai-se colocando, tudo bem. Não sou contra isso, mas realmente parece-me que esses escritores da minha geração, todos eles, quer até aqueles a que se chamava a geração anterior, aqueles que em 1950 começaram a escrever, o chamado movimento “Vamos Descobrir Angola” os novos intelectuais de Angola, portanto a geração de Agostinho Neto, Viriato da Cruz, António Jacinto, e que depois na prosa, já no final deu Luandino Vieira. Eu não vejo grande ruptura entre a minha geração e essa. Eu acho que é tudo a mesma geração, no fundo, acaba por ser tudo uma geração, uns eram dez anos mais novos que outros, uns começaram antes, uns ficaram na cadeia, outros foram para a guerrilha, mas qual é a diferença? Quer dizer, não há diferença nenhuma, era a mesma coisa, era a mesma luta, a mesma aspiração. De maneira que eu acho que me situo nessa faixa, nesse momento em que era preciso lutar pela independência do país, e nós contribuímos, portanto, uns literariamente apenas, outros literariamente mas também politicamente, outros mais politicamente do que literariamente, há outros que escreveram uns contos, e são considerados hoje escritores, mas que pararam de escrever, assim que puderam ter uma actividade política directa nunca mais escreveram, e hoje dizem: não, quer dizer, eu escrevia porque não podia fazer mais nada, e então fechado no meu quarto, mais ou menos protegido pelo silêncio, porque era uma escrita que se fazia e nem era publicada, aí eu escrevia, mais ou menos para satisfazer a minha necessidade de acção, assim que foi possível ter uma acção política, deixei de escrever. Há uma série deles assim, que nunca mais escreveram, é toda esta geração, da qual eu faço parte, em que eu, me considerava, e sempre me considereí, mais como escritor do que outra coisa, outros consideravam-se mais políticos, outros mais ou menos uma coisa e outra. Eu era mais escritor e sempre achei que aquilo que eu ia fazendo, o trabalho político que eu fiz, lutar, etc., era como escritor que o estava fazendo, eu dizia sempre: isto é bom, porque estou a ganhar experiência para um dia escrever sobre isto. Era sempre a minha frase.

DA – Uma coisa que tocou agora, foi nas pessoas que começaram a escrever um pouquinho antes de si. E é isso que eu acho interessante, o que é que pensa sobre os seus antecedentes, os escritores que estavam a escrever durante o período colonial, uma literatura que hoje não se sabe muito bem dizer se é Angolana, se é colonial, onde é que ela está? onde é que ela não esta? Embora talvez seja as duas coisas, não sendo nenhuma delas, que significado é que tudo isso tem na sua escrita?

PEPETELA – Sei lá, eu acho que tem uma importância enorme, porque no momento em que eu comecei a escrever, conscientemente, quando comecei a escrever já a tentar fazer literatura, com 18 19, 20 anos de idade, a partir daí, foi nessa altura também que na Casa dos Estudantes do Império em Lisboa, eu comecei a ter acesso à literatura Angolana que se tinha feito, que começava a ser publicada na Casa dos Estudantes do Império, outra nem chegou a ser publicada. Com excepção de uma ou outra literatura de Benguela que eu conhecia antes, Carlos Almeida Santos, Ernesto Lara Filho, as pessoas de Benguela, que eu conhecia porque era de Benguela, mas que não passava dum círculo muito limitado, fora esta literatura que eu conhecia antes, realmente é a partir dos meus 18 anos, quando eu comecei a escrever, de facto que fui confrontado com a literatura de, hoje clássicos, Neto, António Jacinto, Castro Soromenho, que na prosa foi extremamente importante, e é um dos tais que, há Angolanos que hoje não consideram que Castro Soromenho seja um escritor Angolano, que apenas é um escritor Português, eu considero-o como um escritor Angolano, ele considerava-se escritor Angolano, sempre se considerou como escritor Angolano, embora não tenha nascido em Angola, nasceu em Moçambique, de pais que tinham vindo de Cabo Verde, acho que um dos pais era mesmo Cabo-verdiano de sangue de Cabo Verde, depois cresceu em Angola, e trabalhou em Angola, e a sua grande obra escreveu em Portugal, depois acabou por morrer no Brasil. Portanto este Castro Soromenho sempre se considerou um escritor Angolano, e a sua obra é só sobre Angola. A mim, marcou-me muito, sem dúvida alguma, marcou-me. O eu ter escrito *Lueji* é uma espécie de homenagem ao Castro Soromenho, porque o Castro Soromenho sempre escreveu sobre a Lunda fundamentalmente sobre a Lunda, e tem um conto sobre *Lueji*. Claro que ele põe ao nível do mito, e trabalha o mito. É um dos tais autores que teve uma influência grande, sem dúvida alguma, todo esse naipe que eram mais poetas, mas que me ensinaram uma coisa, e depois mais tarde, Luandino Vieira, claro, já como prosador, ensinaram-me que as nossas coisas de Angola, nós temos que tratar à nossa maneira. E portanto que isso tem a ver com a própria língua, e a maneira de usar a língua, os assuntos, os temas, etc. Quer dizer, nós temos que usar à nossa maneira, pôr uma marca, e essa marca Angolana é o que diferencia a literatura Angolana dessa época, e até mais tarde, que uma pessoa lê um livro, não sabe quem é o autor, mas diz – Isto é Angolano. Há uma marca, realmente. E acho que hoje se está a perder, as novas gerações já não precisam disso. Porque a identidade já está feita, o país já é independente também, já é reconhecido como tal, já não é necessário isso. Mas que na nossa época era fundamental dizer – nós somos, isto. Nós somos. Nós precisávamos dizer – nós somos; então marcávamos, e isso vem dessa literatura anterior.

DA – Os seus últimos romances, são de um sub-genero da literatura, nomeadamente o romance policial. Portanto, há uma aparente mudança de

temática, uma mudança de até de projecto. Não sei se podemos pensa-lo assim. Pode falar um bocadinho disso? Há uma mudança? porque é que surge? Por que razão? Tem que ver com o lugar onde a nação hoje está? O lugar da nação dentro do mundo em geral?

PEPETELA – Eu não sei muito bem situar isso, mas era uma coisa que eu sempre queria escrever desde sempre. Aliás, o primeiro livro que eu tentei escrever como livro, era um romance policial. Devia ter 15 anos p'ra aí, sim 15 anos. Nunca terminei. Acho que todo escritor devia escrever um policial. Talvez noutra época dissesse que devia também escrever um western. Hoje o western já está ultrapassado, a cowboiada, não é? já esta ultrapassada. O romance policial continua, e no fundo, hoje em dia quase toda a cultura que existe é policial. Cada vez mais, ou policiada, também, ou policiante, aí podemos jogar com as palavras como quiserem, mas tem muito a ver, cada vez mais como isso. Portanto, eu sempre quis escrever um livro, e sabia que havia de escrever um livro policial, mais cedo ou mais tarde, e escrevi o primeiro. Depois houve muita pressão e escrevi o segundo. Agora estou a resistir à pressão e já não vou escrever o terceiro. Acho que pelo menos p'ra já não, vou fazer qualquer coisa completamente diferente. Talvez escrever o segundo talvez já tenha sido ceder demasiadamente à pressão, talvez. Podia vir a escrever o segundo, mas não agora, não sei, é uma questão que eu me tenho posto, porque pela primeira vez eu repeti. Eu nunca repeti, por exemplo eu sofri uma certa pressão para escrever o segundo capítulo do *Gloriosa Família*, e que podia ser, porque a *Gloriosa Família* acaba no século XVII, como uma série, poderia haver o XVIII; XIX; o XX. Quer dizer, e o facto do livro a *Gloriosa Família* ter um subtítulo, indicaria uma série. E alias, não fui inocente quando fiz isso, o subtítulo, é exactamente para prevenir que poderá haver uma série. E quem sabe, ainda posso voltar a escrever sobre isso. Mas aí sofri pressões também para continuar, e no entanto não continuei. Não ia repetir-me ia fazer uma coisa diferente. Desta vez realmente cedi à pressão.

DA – É que o Jaime Bunda é um personagem muito simpático.

PEPETELA – Agora é. O primeiro, não era muito.

DA – Sim o segundo é mais simpático.

PEPETELA – É, está a perder qualidades, portanto.

DA – Não é exactamente simpático, mas...

PEPETELA – Que ainda tem muito para andar.

DA – Sim, bom quando eu digo simpático, eu acho que o Jaime Bunda, mais do que a sua possível associação. Que nós associamos o Jaime Bun-

da com o James Bond. Eu encontro nele assim um bocadinho de uma fusão do Sherlock Holmes e o Mr. Watson, sinto que eles estão assim os dois, um bocadinho dentro de uma só pessoa. É uma personagem muito irónica.

PEPETELA – Pois, porque ele também tem um bocado o picaresco.

DA – Exactamente, bastante picaresco. E eu acho que talvez por ser esse pícaro, não necessária mal intencionado, mas também não completamente bem intencionado, que é tão atraente, porque é muito humano, acaba por ser muito humano. Talvez por isso seja mais difícil resistir à tentação de o repetir.

PEPETELA – É. Talvez. Sim, eu não sei, mas realmente eu achei que com o meu primeiro livro não tinha acabado. E talvez ainda agora mesmo com o segundo ainda não está acabado, mas eu agora não vou escrever um outro Jaime Bunda para já. Aliás, eu tenho dito isso, pode ser que um dia volte a escrever, aliás eu tenho uma história soberba para o terceiro Jaime Bunda, que era o segundo, mas depois eu disse: não, esta fica guardada. E não toquei nela e escrevi o segundo com outra história, uma história da minha infância. Duma coisa que aconteceu realmente em Benguela. E guardei a outra, aliás não se passa em Angola, mas não vou escrever para já. Acho que vou voltar, vou voltar não, vou escrever outra coisa diferente. Para cortar um bocado. Portanto, a pergunta inicial, era o porquê e para quê. Bom é isso, a ideia foi essa, a de escrever um livro policial, fundamentalmente. E também porque eu tinha uma personagem que se enquadrava bem. Um personagem que nasceu num jogo de basketball, um jogador de basketball que tinha uma bunda enorme e não conseguia saltar. É preciso explicar que depois da independência de Angola, durante um ou dois anos não houve desporto, as pessoas estavam ocupadas com outras coisas, ninguém fazia desporto, estava tudo desorganizado, e então alguns antigos praticantes de basketball resolveram renascer a modalidade, em que Angola, até tinha alguma habilidade para o assunto, e criar uma selecção, a selecção de Angola, então o primeiro jogo era com o Congo. Convidaram o Congo, e era a selecção do Congo contra a selecção de Angola, e claro os jogadores de Angola estavam gordos, sem treino nenhum, todos mais velhos e mais gordos. Então as tantas apareceu um que parece que tinha sido um bom jogador nos tempos antigos, mas que estava com um soberano mataco, como dizemos em Benguela, quer dizer uma bunda, um grande traseiro, e não conseguia saltar para apanhar bolas. Bom num jogo de basketball o que se exige, minimamente, é que a pessoa salte. E então, eu a ver o jogo, tive a ideia de personagem, Bunda – Bond, James Bond – Jaime Bunda, tudo indicava que era um personagem para um livro policial, ou de espionagem, ou qualquer coisa assim do género, bom, de acção. Ficou guardado, sei lá vinte e tal anos, desde a

Independência, ficou guardado e eu sabia que iria escrever sobre isso, mais cedo ou mais tarde, ao surgir a ocasião. Foi isso, não foi assim uma coisa pensada em relação à situação do país. Mas também era verdade que a situação do país já era outra, mas não foi consciente.

DA – Muitos dos seus personagens nascem assim, de situações tão caricatas como esta?

PEPETELA – É muitas vezes sim. Esta terá sido a mais caricata. Mas nascem assim, aliás normalmente os personagens até nascem do papel, saem do papel. Eu quando começo a escrever não tenho a mínima ideia como é que é a ideia dos personagens, sei mais ou menos o que vou tratar, mas ...

DA – Normalmente eles escrevem mais que você ou você escreve mais que eles?

PEPETELA – Não, eles escrevem mais. Sobretudo o seu parto, é deles. Depois começam a nascer, aí eu começo a tentar lutar contra eles, a orientá-los um bocadito. Há sempre uma luta, e essa luta é que é interessante, de facto.

DA – Quem é que ganha?

PEPETELA – Deve haver um empate. Acho que é um empate.

DA – Alguns filhos são mais rebeldes que outros?

PEPETELA – É.

DA – Não pensando necessariamente, num projecto de construção de Nação, mas em linhas gerais. Qual é, a seu ver a mais importante função da literatura? Para que é que serve a literatura?

PEPETELA – Embora hoje em dia a corrente da arte pela arte já esteja muito enfraquecida, porque todos os exemplos apontam para o contrário, a literatura no fundo acaba por ter uma função social, que continua a ter, mais ou menos escondida, mais ou menos reconhecida. Eu penso que nesse sentido a literatura serve para chamar a atenção para problemas do homem, quer dizer da humanidade. Chamar a atenção, não tem que resolver de maneira nenhuma, nem tem que apresentar soluções, às vezes pode indicar uma ou outra opinião, mas tem é que levantar os problemas.

DA – E o prazer da leitura?

PEPETELA – Não eu penso que ou existe prazer na leitura, ou não existe leitura. Acho que o escritor tem a fazer precisamente isso, fazer com que o leitor tenha prazer na leitura, senão é muito mais simples escrever um artigo dizendo: olha o

problema é este, nós estamos confrontados com este problema, de ecologia, tipo nuclear, o que seja, de Marte, existe este problema assim-assim-assim, vamos es-tuda-lo assim-assim, pronto acabou. Não se escreve um romance para isso.

DA – Uma outra questão que se tem levantado, é sobre a utilização da língua do colonizador como a forma de expressão de uma nova nação, de uma nação independente, sendo que esta não é a sua língua ancestral, uma nação com línguas ancestrais diversas, e substancialmente diferentes da língua que está a ser utilizada. O que é que pensa sobre isso.

PEPETELA – Eu penso, que não havia muito a escolher. No caso de Angola, os escritores, quase todos, até hoje, mas sobretudo os primeiros que começaram a trabalhar, e portanto a influenciar as gerações seguintes, tinham com língua, como instrumento o Português, completamente. Até porque eram urbanos, e nas cidades a língua de convívio, a língua utilizada era o Português, no fim do século, no fim do século XIX. E durante o século XX o português cada vez foi mais utilizado. Por outro lado, para a construção de Nação a língua que foi utilizada foi o Português, porque era a única que era compreendida do Norte a Sul do país, de Este a Oeste. Podia não ser a mais falada, mas era a única língua que podia ser compreendida em todo o lado.

DA – Era uma língua neutra?

PEPETELA – Era. Uma língua neutra e tinha a vantagem de ser, uma língua, no fundo, internacional. Exacto, Portanto, não havia muito, eu acho os escritores nem se puseram sequer essa questão. Embora pusessem a questão e ponham hoje a questão. Puseram depois da Independência, e põem hoje, e continuamos a por a questão, seria interessante que houvesse literatura nas línguas africanas de Angola. Há cada vez menos, a literatura que existe é tradição oral, chamemos-lhe assim, não há criação literária em línguas africanas em Angola. Há apenas reprodução. Há transcrição, há tradução, etc. Agora não há criação, seria interessante que houvesse, mas, de facto, provavelmente porque os escritores todos vivem em situações urbanas, não dominam as línguas africanas, fazem parte de uma elite cuja língua materna já é o Português, há muito tempo. Portanto, nem é propriamente uma situação que se põe. Quando nós discutimos com outros escritores africanos dos outros países, nos quais as línguas africanas são utilizadas na literatura, também é raro, diga-se de passagem, mas existe. Quando se discute essa questão nós dizemos: para nós não é problema. Não foi uma opção pessoal, não havia outra, de facto, não é uma opção.

DA – Para si o que é que representa escrever?

PEPETELA – Primeiro era pelo gosto, agora é pela obrigação.

DA – Primeiro não havia nenhuma obrigação e agora não há nenhum gosto?

PEPETELA – Não. Primeiro não havia nenhuma obrigação, escrevia para mim, por prazer, podia rasgar ou queimar, não havia nenhuma importância. Por acaso, não queimava, não destruía mas ia perdendo as coisas. Mas era apenas por gosto. A partir do momento em que passei a ser publicado passou a ser obrigação. Na medida em que comecei a pensar nas pessoas que podiam vir a ler aquilo que eu escrevia. E então cada vez foi mais obrigação, até que ser quase profissional. Perde um pouco a piada.

DA – Pensa muito no seu leitor?

PEPETELA – Que remédio. Ele impõe-se.

DA – E os personagens também pensam no leitor?

PEPETELA – Eu acho que também já pensam. Esse é o problema. Realmente a contradição é essa.

DA – Quem é que pensa mais no leitor, eles ou você?

PEPETELA – Eu acho que ainda sou eu. Na medida que não os domino totalmente, eles também pensam, eu não queria que eles pensassem.

DA – A última pergunta é quem é que lê? Quem é que admira?

PEPETELA – Bom, eu estou a ler cada vez menos. O que é normal, a partir dos 60 anos de idade lê-se cada vez menos, ficção, digamos. Mas, eu tenho uma grande admiração e dívida com duas literaturas a Brasileira e a Norte-Americana. Não é por estar aqui nos Estados Unidos que estou a dizer isto.

DA – Nomeadamente quem?

PEPETELA – Nomeadamente, na Americana Faulkner e o Hemingway, essa geração Steinbeck que é exactamente o que eu li quando tinha 17, 18 anos, e com quem eu aprendi, bom não sei se aprendi, tentei aprender a escrever diálogos com o Hemingway, não sei se consegui. Hoje em dia os meus diálogos já são completamente diferentes, já não tem nada a ver, mas a um momento dado, sei lá até *Yaka*, de *Yaka* para trás, *Mayombe*, etc. eu inspirava-me muito no Hemingway na escrita dos diálogos, isso é claro. Da mesma maneira que me inspirei muito no Jorge Amado para escrever os meus primeiros livros, também. Embora que no caso do Brasil é o Jorge Amado e o Graciliano Ramos que são absolutamente contraditórios, não é, na secura de um e na fluência do outro, que são perfeitamente contraditórios, mas eu ocorre-me sempre os dois, o Jorge Amado e o Graciliano, porque eram uns autores que eu gostava muito de ler naquela altura. Bom a primeira fase do Jorge Amado, a fase de Gabriela Cravo e Canela e o que

segue talvez tenha sido posterior, de maior abertura talvez. Mas portanto há aí essas duas literaturas fundamentalmente, obviamente que há autores franceses, e russos, Dostoevsky, por exemplo, evidentemente que tiveram muita importância. Mas assim como literaturas talvez tenham sido essas duas. Claro que na escola também estudávamos os escritores portugueses, até ao Eça de Queiroz, parava mais ou menos no Eça, evidentemente, essa influenciou decisivamente, é a primeira. A primeira influência certamente é essa, mas depois é a Brasileira e a Norte-Americana.

DA – Obrigadíssima.

PEPETELA - Talvez pudesse acrescentar também uma outra coisa à literatura, que é o cinema Norte-Americano. Por exemplo, com o cinema Norte-Americano aprendi que um livro deve é começar pela acção, a primeira linha deve apanhar logo o leitor, e para apanhar o leitor não se deve escrever: e as serras são assim-assim e recortadas desta maneira e daquela.

DA – O Eça escrevia assim...

PEPETELA – Exactamente. Portanto é aí o meu corte com a literatura do século XIX para lá. É esse. E é feito por causa do cinema Americano. É começar logo. É preciso matar alguém, mata logo na primeira linha. Começa por aí.

DA – Portanto se há que explodir, explode-se logo na primeira página?

PEPETELA – Primeiro explode, depois explica-se porque é que explode.

PEPETELA – Mas isso é verdade, só mais tarde é que eu descobri que isso era influência do cinema, sempre tive essa tendência, nunca gostei de começar por descrições, ia logo para a acção. Mas já mesmo no princípio, quando eu era miúdo, quando toda a influência era ao contrário. Porque a influência era ao contrário, aí é do cinema, só há pouco tempo é que eu descobri.

DA – Obrigada